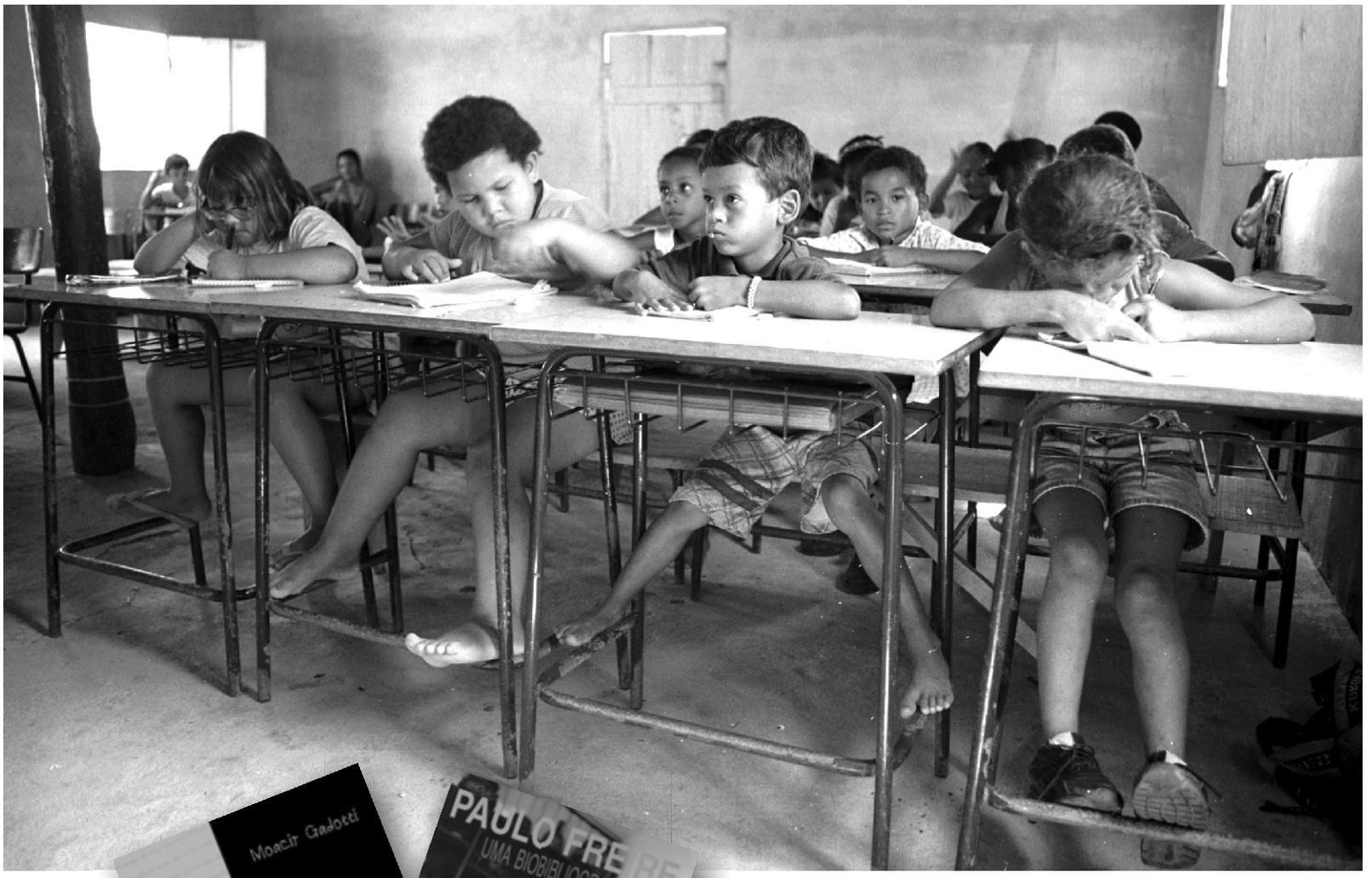

Paulo Freire e a educação popular

Moacir Gadotti*

* Diretor do Instituto Paulo Freire e Professor da Universidade de São Paulo

Neste ano lembramos os dez anos da morte de Paulo Freire. Ele nos deixou, mas vive em todos aqueles e aquelas que continuam a sua teoria e a sua práxis, abraçando a mesma causa que ele defendeu.

Fico feliz com o convite da revista Proposta *da FASE para prestar uma homenagem a esse grande educador e amigo, falando um pouco da sua vida, da sua obra, da sua contribuição à educação popular e de como o Instituto Paulo Freire está continuando e reinventando o seu legado.*

1. Paulo Freire: um testemunho pessoal

Tenho muitas boas **lembranças** dele.

Conheci Paulo Freire pessoalmente em Genebra, em 1974. O contato com a sua obra era anterior, 1967, quando publicou *Educação como prática da liberdade*, seu primeiro livro. Sobre esse livro, fiz meu trabalho final de Licenciatura em Pedagogia, em São Paulo, concluída no mesmo ano da publicação do livro.

A partir de 1974, comecei a trabalhar estreitamente com ele, em Genebra (Suíça). Primeiramente, foram as trocas de idéias sobre a situação brasileira, dez anos depois do golpe militar de 1964. Engajamo-nos em campanhas para auxiliar refugiados políticos. Foram muitos os encontros na cantina do Conselho Mundial de Igrejas de Genebra onde Paulo Freire trabalhava. Paulo sempre tratava a todos com enorme cortesia e paciência, sempre sonhando com algo, projetando algo, atendendo inúmeros estudantes de vários países, dando entrevistas, lendo e escrevendo, discutindo. Depois de me orientar pedagogicamente por três anos, em 1977, participou da banca de meu doutoramento na Universidade de Genebra. Minha tese foi sobre **educação permanente**, uma educação ao longo de toda a vida.

Paulo era muito otimista, acreditava nas pessoas e as estimulava, com suas palavras, ao engajamento e à luta por um outro mundo possível. Repetia, muitas vezes, que o mundo é possibilidade, não é fatalidade. A educação não é um tesouro que se perde ao "entregar" a outros. Ao contrário, é um tesouro que aumenta, ao ser repartido. Mais tarde ele diria que só é válido o conhecimento compartilhado.

Em 1977 eu estava em Genebra, planejando voltar ao Brasil. Disse-lhe que havia sido convidado pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Paulo me confidenciou que se pudesse também voltaria, mas tinha receio de sofrer novas perseguições políticas. Voltaria se conseguisse um contrato com uma universidade pública que, segundo ele, lhe daria maior segurança.

Ao retornar ao Brasil, ainda naquele mesmo ano, procurei a Universidade de São Paulo e a Unicamp para falar sobre o assunto. O diretor da Faculdade de Educação da Unicamp, professor Eduardo Chaves, encaminhou a proposta de contratação do professor Paulo Freire, que foi plenamente aceita pelos órgãos internos da faculdade. Mas a tramitação do processo foi retardada pelo reitor da universidade. Alunos e professores da Faculdade de Educação fizeram, então, várias manifestações públicas para exigir a vinda de Paulo Freire. Nesse ínterim, Dom Paulo Evaristo Arns, Grão Chanceler da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, começou as negociações para trazer Freire. Mas as dificuldades não eram apenas de contratação. O governo brasileiro negava a anistia a oito brasileiros. Entre eles, Paulo Freire.

Em 1978, Paulo havia sido convidado para abrir um seminário nacional, no Brasil, mas lhe negaram o passaporte para regressar. Contudo, por uma artimanha muito bem montada pela Comissão Organizadora do evento, Paulo Freire pôde fazer, "clandestinamente" (por telefone), a abertura do *I Seminário de Educação Brasileira*, realizado em setembro daquele ano, em Campinas. Era a primeira vez que os educadores se reuniam livremente, desde o início da ditadura militar (1964), a primeira vez que estavam ouvindo a voz de Paulo Freire. Ela soava misteriosa e subversiva. Paulo falou de sua alegria de se dirigir aos professores brasileiros depois de catorze anos de exílio. Sua fala foi emocionada, afirmando que sua

palavra "não poderia ser outra senão uma palavra afetiva, uma palavra de amor, uma palavra de carinho, uma palavra de confiança, de esperança e de saudades também, saudade imensa, grandona, saudades do Brasil, desse Brasil gostoso, desse Brasil de nós todos, desse Brasil cheiroso, distante do qual estamos há 14 anos, mas, distante do qual nunca estivemos também".

Paulo estava com muitas **saudades do Brasil**. Queria retornar, mas sem o passaporte era impossível. Aqui dentro, no Brasil, a luta pela anistia ganhava cada vez mais espaço na mídia e o governo militar teve que ceder. No ano seguinte, finalmente, Paulo e sua esposa Elza puderam retornar ao país. Dia 20 de junho de 1979, antes de voltar, Paulo me escrevia: "que vontade danada de dar um pulinho até aí; vontade mais danada ainda de, aproveitando o pulinho, ficar aí. Se o problema de nossos passaportes já tivesse sido resolvido, nossa intenção era ir aí logo que terminasse o Seminário que vou coordenar na Universidade de Michigan no mês de julho. Tudo indica, porém, que visitaremos o Brasil este ano ainda. O nosso advogado está absolutamente convencido de que, durante o mês de julho, ganharemos o mandado de segurança. Se assim acontecer, estaremos aí talvez em setembro, desde que possamos enfrentar as despesas com as passagens".

Paulo Freire era uma pessoa bondosa, generosa, solidária. Ele queria bem às pessoas, falava bem delas, era sempre ético, positivo e respeitoso para com todos e todas. Todos os títulos dos seus livros são positivos, esperançosos, mesmo quando escritos com indignação. Ele escrevia para as pessoas que amava, por isso, tudo o que escrevia deveria pertencer àqueles para os quais ele o havia feito: os oprimidos. Por isso não se incomodava em ver alguns de seus escritos reproduzidos sem consulta prévia. Testemunhei isso em 1979 quando traduzi o livro *Educación y cambio*, o qual ele me pediu para prefaciar. Até eu enviar-lhe esse livro, ele não sabia da sua existência. Esse livro havia sido publicado na Argentina por um grupo de educadores populares, reunindo alguns artigos escritos por ele no Chile, porque precisavam desses textos para as suas práticas político-pedagógicas.

Isso ocorreu com várias de suas obras. **Educadores populares**, educadores comprometidos com a causa da "mudança", utilizavam seus textos de diversas maneiras. Paulo nunca se incomodava com isso. Foi assim que o nome dele acabou tomando um tamanho maior do que a sua pessoa, e o mito em torno de seu "método" ganhou força no mundo. Como ele escreveu em defesa de uma causa, a causa dos oprimidos, não se incomodava em ver seus escritos "pirateados". No caso do livro *Educación y cambio*, não era nenhuma pirataria. Não faz muito tempo encontrei, na Espanha, num encontro de educadores populares, uma edição artesanal, grampeada, da *Pedagogia do oprimido*, reproduzida por um sindicato de trabalhadores e vendida a um euro.

Paulo Freire confessou, no último grande Congresso Internacional sobre o seu pensamento, realizado em setembro de 1996, em Vitória (Espírito Santo, Brasil), que se considerava, desde sempre, como um "menino conectivo". Essa característica não era apenas pessoal. Era também epistemológica. Ele conseguia, melhor do que qualquer outro intelectual que conheço, criar laços, interligar as categorias da história, da política, da economia, de classe, gênero, etnia, pobres e não-pobres. Sua pedagogia não é apenas uma pedagogia para os pobres. Ele, como ser conectivo, queria ver também os não-pobres e as classes médias se engajando na transformação do mundo. Toda pedagogia contém uma proposta política, implícita ou explícita. O "Método Paulo Freire" é um excelente exemplo disso: não tem sentido separar o seu método de uma visão de mundo. Sua teoria do conhecimento está ancorada numa antropologia.

Em todos os seus escritos, Freire nos fala das virtudes como exigências ou virtudes necessárias à prática educativa transformadora. Mas também nos deu exemplo dessas **virtudes**, entre elas, a tolerância e a **coerência**. Freire não foi coerente por teimosia. Para ele a coerência era uma virtude que tomava a forma da esperança. Praticava sobretudo a virtude do **exemplo**: dava testemunho do que pensava. Nessa coerência entre **teoria e prática** eu destacaria o valor da solidariedade.

Outra virtude que conquistou foi a **simplicidade**. O simples não é o fácil. É difícil ser simples. Ele conseguia estranhar o saber cotidiano sem ser pernóstico, arrogante. Paulo detestava o intelectual arrogante, sobretudo o intelectual arrogante de esquerda. Para ele, o intelectual de direita já era arrogante por natureza, mas o de esquerda o era por deformação.

O legado de **luta e de esperança** de Paulo Freire não pertence a uma pessoa ou a uma instituição. Pertence a quem precisa dele. Recordo o filme *O Carteiro e o poeta* no qual o carteiro se apropriou de um poema de Pablo Neruda para seduzir sua namorada. Pablo questionou o carteiro sobre a autoria do poema e o carteiro respondeu: "a poesia é de quem precisa dela; não pertence ao poeta que a escreveu".

A teoria e a **práxis** de Paulo Freire cruzaram as fronteiras das disciplinas, das ciências e dos espaços geográficos. Foram para além da América Latina. Ao mesmo tempo em que as suas reflexões foram aprofundando o tema que ele perseguiu por toda a vida – a educação como prática da liberdade – suas abordagens transbordaram-se para outros campos do conhecimento, criando raízes nos mais variados solos, fortalecendo teorias e práticas educacionais, bem como auxiliando reflexões não só de educadores, mas também de médicos, terapeutas,

cientistas sociais, filósofos, antropólogos e outros profissionais. O seu pensamento é considerado um exemplo de **transdisciplinaridade**. Freire conseguiu fazer uma síntese pessoal original entre humanismo e dialética, o que confere um caráter muito atual a seu pensamento.

2. Paulo Freire e a educação popular

Foi na década de 50 que se iniciou esta profunda história de idéias, práticas e acontecimentos no campo da educação na América Latina: **a educação popular**. Como concepção da educação, a educação popular é uma das mais belas contribuições da América Latina ao pensamento pedagógico universal. Isso se deve, em grande parte, à atuação internacional de um dos seus mais importantes representantes: **Paulo Freire**. Ele deixou, por onde passou, as sementes de uma concepção popular emancipadora da educação. Essas sementes floresceram em numerosos grupos e organizações, nas últimas décadas, unindo conscientização e organização popular. Ao contrário de concepções educacionais nascidas nos gabinetes dos burocratas ou de pedagogistas bem intencionados, a educação popular nasceu, na América Latina, no calor das lutas populares, dentro e fora do Estado.

A educação popular, como prática educacional e como teoria pedagógica, pode ser encontrada **em todos os continentes**, manifestada em concepções e práticas muito diferentes. Como concepção geral da educação, ela passou por diversos **momentos epistemológico-educacionais e organizativos**, desde a busca da conscientização, nos anos 50 e 60, e a defesa de uma escola pública popular e comunitária, nos anos 70 e 80, até a **escola cidadã**, nos últimos anos, num mosaico de interpretações, convergências e divergências.

A **educação popular** como uma concepção geral da educação, via de regra, se opôs à educação de adultos, impulsionada pela educação estatal, e tem ocupado os espaços que a educação de adultos oficial não levou muito a sério. Um dos princípios originários da educação popular tem sido a criação de uma nova epistemologia baseada no profundo respeito pelo senso comum que trazem os setores populares em sua prática cotidiana, problematizando-o, tratando de descobrir a teoria presente na prática popular, teoria ainda não conhecida pelo povo, problematizando-a, incorporando-lhe um raciocínio mais rigoroso, científico e unitário.

No final dos anos 50, duas eram as tendências mais significativas na educação de adultos: a educação de adultos entendida como **educação libertadora**, como "conscientização" (Paulo Freire) e a educação de adultos entendida como **educação funcional** (profissional), isto é, o treinamento de mão-de-obra mais produtiva, útil ao projeto de desenvolvimento nacional dependente.

Na década de 70, essas duas correntes continuaram, a primeira entendida basicamente como educação não-formal – alternativa à escola – e, a segunda, como suplência da educação formal. No Brasil, se desenvolve nessa corrente o sistema MOBRAL (Movimento Brasileiro de Alfabetização), com princípios opostos aos de Paulo Freire.

Em 1958 foi realizado o 2º Congresso Nacional de Educação de Adultos, o qual contou com a participação de Paulo Freire. Surgiu daí a idéia de um programa permanente de enfrentamento do problema da alfabetização que desembocou no Plano Nacional de Alfabetização de Adultos, dirigido por Paulo Freire e extinto pelo Golpe de Estado de 1964, depois de um ano de funcionamento. A educação de adultos era entendida a partir de uma visão das causas do analfabetismo, como educação de base, articulada com as "reformas de base", defendidas pelo governo popular/populista de João Goulart. Os CPCs (Centros Populares de Cultura), extintos logo depois do golpe militar de 1964 e o MEB (Movimento de Educação de Base), apoiado pela Igreja e que durou até 1969, foram profundamente influenciados por essas idéias.

Hoje, uma das expressões mais vivas da educação popular está na **educação de jovens e de adultos**. Os jovens e adultos trabalhadores lutam para superar suas condições de vida (moradia, saúde, alimentação, transporte, emprego, etc) que estão na raiz do problema do analfabetismo. O desemprego, os baixos salários e as péssimas condições de vida comprometem o seu processo de alfabetização. Falamos de "jovens e adultos" referindo-nos à "educação de adultos", porque aqueles que freqüentam os programas de educação de adultos, são, majoritariamente, os jovens trabalhadores.

A educação popular tem-se constituído num paradigma teórico que trata de codificar e descodificar os temas geradores das lutas populares, busca colaborar com os movimentos sociais e os partidos políticos que expressam essas lutas. Trata de diminuir o impacto da crise social na pobreza, e de dar voz à indignação e ao desespero moral do pobre, do oprimido, do indígena, do camponês, da mulher, do negro, do analfabeto e do trabalhador industrial.

As possibilidades de futuro da educação popular são enormes e suas intuições originais estão presentes, como a obra de Paulo Freire, em muitas práticas educativas, entre eles: a ênfase nas condições gnosiológicas da prática educativa; a educação como produção e não meramente como transmissão do conhecimento; a luta por uma educação emancipadora que suspeita do arbitrário cultural o qual, necessariamente, esconde um

momento de dominação; a defesa de uma educação para a liberdade, precondição da vida democrática; a recusa do autoritarismo, da manipulação, da ideologização que surge também ao estabelecer hierarquias rígidas entre o professor que sabe (e por isso ensina) e o aluno que tem que aprender (e por isso estuda); a defesa da educação como um ato de diálogo no descobrimento rigoroso, porém, por sua vez, imaginativo, da razão de ser das coisas; a noção de uma ciência aberta às necessidades populares e um planejamento comunitário e participativo.

O grande número de noções que fundam a educação popular, hoje espalhada pelo mundo, como paradigma teórico, colocando-a num plano diferente da educação tradicional, bancária, e a educação como razão instrumental, nos indica que nosso otimismo não é infundado.

É verdade, a educação popular hoje se constitui num **mosaico de teorias e de práticas**. Mas elas têm em comum, nas diversas partes do mundo, o compromisso com os mais pobres, portanto, com a emancipação humana. São perspectivas razoáveis, sérias, fundamentadas, cotejadas constantemente com a dureza dos fatos. Todas refletem uma recusa à educação do colonizador. Não uma recusa oportunista ou servil, mas uma recusa utópica e amorosa; uma recusa que aceita duvidar das próprias condições de produção científica e das certezas alcançadas, para evitar a mistificação da razão prática. Uma série de perspectivas que coincidiram em várias opiniões, uma delas, a busca de uma ciência social e educativa integradora, radical, cognitiva e afetiva, e, ao mesmo tempo, heurística, consciente de que é impossível separar a ciência dos interesses humanos.

3. Instituto Paulo Freire: continuando e reinventando Freire

O Instituto Paulo Freire (IPF), com sede em São Paulo, é uma associação civil, sem fins lucrativos, criado em 1991. Desde a sua fundação, Paulo Freire acompanhou todos os momentos da história do IPF: apresentou nomes, participou da discussão dos Estatutos, da definição da linha básica de atuação da instituição, tomou parte nas principais decisões e contribuiu sempre com suas valiosas e esclarecedoras reflexões sobre os projetos desenvolvidos.

Atualmente, considerando-se Cátedras, Instituto Paulo Freire e o Conselho Internacional de Assessores, o IPF constitui-se numa rede internacional que possui membros distribuídos em mais de 90 países em todos os continentes.

A fim de possibilitar a troca de experiências e aprofundar as reflexões teóricas em torno de seus campos de atuação, o Instituto se organiza em três áreas: **educação popular, educação cidadã e educação de adultos**. Cada área desenvolve atividades de estudos, pesquisas, publicações, formação inicial e educação continuada, consultorias e assessorias educacionais.

A utopia que move o IPF é construir a **cidadania planetária**, a planetarização, combatendo a injustiça social provocada pela globalização capitalista, educando para um outro mundo possível, à luz de uma nova cultura política inspirada no legado freiriano.

Para alcançar seus **objetivos**, o IPF procura desenvolver ações orientadas por princípios éticos, que permitam incidir sobre as políticas públicas que combatem a desigualdade e estimulam a participação cidadã; lutar contra a discriminação e exclusão de pessoas jovens e adultas analfabetas e garantir o direito humano fundamental à educação para todos e todas; apoiar e incentivar a criação de redes de ação solidária e práticas sustentáveis estabelecendo alianças estratégicas de fortalecimento da cidadania planetária; estabelecer pontes entre o pensamento crítico em educação e as ações práticas da gestão das políticas públicas; desenvolver projetos de intervenção em escala global, regional e local, sistematizando novas formas de gestão compartilhada que orientem e facilitem a execução de políticas voltadas para a inclusão social; fortalecer a participação da sociedade civil no controle das políticas públicas de educação, cultura e comunicação; apoiar e incentivar novas formas de organização social e comunitária, construindo novas metodologias e formando para a cidadania desde a infância; contribuir com parceiros e parceiras para o desenvolvimento de práticas sociais solidárias e sustentáveis que construam, desde já, um outro mundo possível.

A atuação do Instituto compreende, entre **outras ações**, formação sobre Currículo da Escola Cidadã; Reorientação curricular da Educação de Jovens e Adultos; Ecopedagogia; Educação de Jovens e Adultos; Educação Popular; Gestão compartilhada de projetos e programas; Gestão Democrática e Princípios de Convivência na perspectiva da cultura da paz e da sustentabilidade; Tecnologias aplicadas à educação; Elaboração do Projeto Político-Pedagógico da Escola; Avaliação institucional, dialógica, formativa e continuada; Orçamento Participativo; Criação de Sistema Municipal de Educação; Elaboração de Plano Municipal da Educação; Economia Solidária; Exercício da cidadania desde a infância e Orçamento Participativo Criança.

Inúmeros **registros** audiovisuais, manuscritos e documentos estão na sede do instituto em São Paulo. Dentre eles, merecem destaque os originais da Pedagogia do Oprimido e farta correspondência que manteve com

alguns dos personagens mais importantes do final do século passado.

No início de 1998, o IPF recebeu a **biblioteca** que Paulo Freire vinha formando em sua casa há mais de 50 anos, antes e após o exílio. Ela é composta de, aproximadamente, 7 mil volumes, entre livros, revistas e documentos, acessível a pessoas e instituições no Brasil e no exterior. O IPF está informatizando o acervo de livros, periódicos e documentos de que dispõe, colocando todos os títulos em sua página na Internet. Informações em www.paulofreire.org

4. Paulo Freire: educador de outros mundos possíveis

A diversidade é a característica fundamental da humanidade. Por isso não pode haver um único modo de produzir e de reproduzir nossa existência no planeta. O que há de comum é a diversidade humana. Diante da diversidade humana abre-se a possibilidade da **diversidade** de mundos possíveis. A um pensamento único não podemos opor outro pensamento único. Educar para outro mundo possível é educar para outros mundos possíveis.

Considero Paulo Freire um educador de outros mundos possíveis. O que é educar para outros mundos possíveis? Educar para um outro mundo possível (no plural) é, antes de mais nada, **visibilizar** o que foi escondido para oprimir, é dar voz aos que não são escutados. A luta feminista, o movimento ecológico, o movimento zapatista, o movimento dos sem terra e outros, tornaram visível o que estava invisibilizado por séculos de opressão. Por isso, podemos dizer que são movimentos de educação para um outro mundo possível. Paulo Freire, entre outros, foi um exemplo de educador de outros mundos possíveis, porque colocou no palco da história o oprimido, visibilizando o oprimido e sua relação com o opressor.

Educar para outros mundos possíveis é educar para **conscientizar**, para **desalienar**, para **desfetichizar**. O fetichismo da ideologia neoliberal é o fetiche da lógica burguesa e capitalista que consegue solidificar-se a ponto de fazer crer que o mundo é naturalmente imutável. O fetichismo transforma as relações humanas em fenômenos estáticos, como se fossem impossíveis de serem modificadas. Fetichizados, somos incapazes de agir porque o fetiche rompe com a capacidade de fazer. Fetichizados apenas repetimos o já feito, o já dito, o que já existe.

Educar para outros mundos possíveis é educar para a emergência do que ainda não é, o ainda-não, a utopia. Assim fazendo, estamos assumindo a história como possibilidade e não como fatalidade. Por isso, educar para outros mundos possíveis é também educar para a **ruptura**, para a **rebeldia**, para a **recusa**, para dizer "não", para gritar, para sonhar com outros mundos possíveis. Denunciando e anunciando.

O neoliberalismo concebe a educação como uma mercadoria, reduzindo nossas identidades às de meros consumidores, desprezando o espaço público e a dimensão humanista da educação. Opondo-se a esse paradigma, a educação para outros mundos possíveis respeita e valoriza a diversidade, convive com a diferença, promovendo a **intertransculturalidade**. O núcleo central da concepção neoliberal da educação é a negação do sonho e da utopia. Por isso, uma educação para outros mundos possíveis é, sobretudo, a educação para o sonho, uma educação para a esperança.

A mercantilização da educação é um dos desafios mais decisivos da história atual, porque ela sobrevaloriza o econômico em detrimento do humano. Só uma educação emancipadora poderá inverter essa lógica, através da formação para a consciência crítica e para a desalienação. Educar para outros mundos possíveis é educar para a qualidade humana para "além do capital", como nos disse István Mészáros na abertura da quarta edição do *Fórum Mundial de Educação*, em Porto Alegre, em janeiro de 2005. A globalização capitalista roubou das pessoas o tempo para o bem viver e o espaço da vida interior, roubou a capacidade de produzir dignamente as nossas vidas. Cada vez mais gente é reduzida a máquinas de produção e de reprodução do capital.

Educar para outros mundos possíveis é fazer da educação, tanto formal, quanto não-formal, um espaço de **formação crítica** e não apenas de formação de mão-de-obra para o mercado; é inventar novos espaços de formação alternativos ao sistema formal de educação e negar a sua forma hierarquizada numa estrutura de mando e subordinação; é educar para articular as diferentes rebeldias que negam hoje as relações sociais capitalistas; é educar para mudar radicalmente nossa maneira de produzir e de reproduzir nossa existência no planeta, portanto, é uma **educação para a sustentabilidade.**

Não se pode mudar o mundo sem mudar as pessoas: mudar o mundo e mudar as pessoas são processos interligados. Mudar o mundo depende de todos nós: é preciso que cada um tome consciência e se organize. Educar para outros mundos possíveis é educar para superar a lógica desumanizadora do capital que tem no individualismo e no lucro seus fundamentos, é educar para transformar radicalmente o modelo econômico e político atual.

Não fomos educados para ter uma consciência planetária e sim a consciência do estado-nação. Os sistemas nacionais de educação nasceram como parte da

constituição do estado-nação. A escola atual é resultado do pensamento da modernidade, modelada pelos estados-nação. Ela não atende nem as exigências da **globalização** e nem do seu oposto, isto é, a **planetarização** como paradigma de uma comunidade una e diversa.

Educar para outros mundos possíveis exige dos educadores um compromisso pela **desmercantilização** da educação e uma postura ecopedagógica de escuta do universo, do qual todos e todas fazemos parte. Os educadores não devem dirigir-se apenas a alunos ou a educandos, mas aos habitantes do planeta, considerando-os a todos e a todas como cidadãos da mesma Mátria.

A terra é nossa primeira grande educadora. Educar para outros mundos possíveis é também educar para encontrar nosso lugar na história, no universo. É educar para a paz, para os direitos humanos, para a justiça social e para a **diversidade cultural**, contra o sexismo e o racismo. É educar para erradicar a fome e a miséria. É educar para a **consciência planetária**. É educar para que cada um de nós encontre o seu lugar no mundo, educar para pertencer a uma comunidade humana planetária, para sentir profundamente o universo.

É educar para a planetarização, não para o globalismo. Vivemos num planeta e não num globo. O globo refere-se a sua superfície, a suas divisões geográficas, a seus paralelos e meridianos. O globo refere-se a aspectos cartoriais, enquanto o planeta, ao contrário dessa visão linear, refere-se a uma totalidade em movimento. A terra é um superorganismo vivo e em evolução. Nosso destino, como seres humanos, está ligado ao destino desse ser chamado terra. Educar para outros mundos possíveis é educar para ter uma relação sustentável com todos os seres da terra, sejam eles humanos ou não.

É educar para viver no cosmos – educação planetária, cósmica e cosmológica – ampliando nossa compreensão da terra e do universo. É educar para ter uma **perspectiva cósmica**. Só assim poderemos entender mais amplamente os problemas da desertificação, do desflorestamento, do aquecimento da Terra, da água, do lixo e dos problemas que atingem humanos e não-humanos.

Os **paradigmas clássicos**, arrogantemente antropocêntricos e industrialistas, não têm suficiente abrangência para explicar essa realidade cósmica. Por não terem essa visão holística, não conseguiram dar nenhuma resposta para tirar o planeta da rota do extermínio e do rumo da cruel diferença entre ricos e pobres. Os paradigmas clássicos estão levando o planeta ao esgotamento de seus recursos naturais. A crise atual é uma crise de paradigmas civilizatórios. Educar para outros mundos possíveis supõe um novo paradigma, um paradigma holístico.

www.paulofreire.org